

Copyright © 2023 Rafael Fava Belúzio

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição: Haroldo Ceravolo Sereza & Joana Monteleone

Projeto gráfico, diagramação e capa: Ana Júlia Ribeiro

Assistente acadêmica: Tamara Santos

Revisão: Joana Monteleone

Imagem da capa:

Este livro faz parte da coleção Crítica Contemporânea.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S693

“Sou poeta menor, perdoai” : Manuel Bandeira pela crítica contemporânea / organização
Andréa Sirihal Werkema, Rafael Fava Belúzio. - 1. ed. - São Paulo : Alameda, 2023.
262 p. ; 21 cm. (Crítica contemporânea ; 5)

Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5966-171-8

1. Bandeira, Manuel, 1886-1968 - Crítica e interpretação. 2. Poesia brasileira - História
e crítica. I. Werkema, Andréa Sirihal. II. Belúzio, Rafael Fava. III. Série.

	CDD: 869.1009
23-83519	CDU: 82.1(81).09

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

ALAMEDA CASA EDITORIAL

Rua Treze de Maio, 353 – Bela Vista

CEP: 01327-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3012-2403

www.alamedaeditorial.com.br

O crítico amigo de João Cabral e desconfiado da Geração de 45¹

Joelma Santana Siqueira

Manuel Bandeira é primo de João Cabral de Melo Neto pelo lado paterno do segundo. Ambos nasceram no Recife. Bandeira, em 1886, e Cabral, em 1920. Bandeira mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro quando ainda era criança, e João Cabral, na juventude, precisamente, em 1943. Durante o tempo em que viveram, concomitantemente, na mesma cidade, conversavam com frequência, conforme informou João Cabral a Augusto Massi, em entrevista publicada no Suplemento *Mais!* da *Folha de São Paulo*, no dia 30 de março de 1991, ao destacar que visitava Bandeira toda semana e suas conversas, “fora a literatura, era a respeito da família”.² Nesse tempo, Bandeira já era um poeta reconhecido. Seu primeiro livro de poesia, *A Cinza das horas* (1917), recebeu boa acolhida na imprensa, haja vista os artigos publicados por Flexa

-
- 1 No presente capítulo, retomo uma comunicação intitulada “Manuel Bandeira crítico do poeta moderno João Cabral de Melo Neto”, apresentada durante o VI Simpósio Mundial de Estudo da Língua Portuguesa realizado em Santarém, Portugal, ocorrido entre os dias 14 e 28 de outubro de 2017, para demonstrar relação entre essa crítica e a correspondência mantida entre os dois poetas.
 - 2 *Folha de S. Paulo*. 30 mar. 1991, p. 6. <https://acervo.folha.com.br/compartilhar.do?numero=11283&anchor=4913112&pd=bbbf497a-841c3383ae8bd39a9103ce61>

Ribeiro, Leal de Sousa, Américo Facó, José Oiticica, Afonso Lopes de Almeida, Castro Meneses e João Ribeiro, destacados pelo próprio Bandeira em seu *Itinerário de Pasárgada*. O segundo livro, publicado em 1919, obteve maior sucesso, pois, acrescentou o poeta: “a geração paulista que iria, ainda nesse ano de 1919, iniciar a revolução modernista, tomou-se de amores pelo *Carnaval*” (BANDEIRA, 1986, p. 59). Até o fim dos anos 1940, publicou *Poesias*, reunindo os dois livros anteriores mais *Ritmo dissoluto* (1924), *Libertinagem* (1930), *Estrela da manhã* (1936), *Poesias escolhidas* (1937), *Poesias completas*, reunindo as obras anteriores e mais *Lira dos cinquent’anos* (1940), *Poesias completas*, acrescida de *Belo Belo* (1948), *Mafuá do malungo, versos de circunstância* (1948). Este último, foi publicado por João Cabral em Barcelona pelo selo “Livro Inconsútil”, inaugurado com a publicação de *Psicologia da composição* (1947), do poeta-editor. Voltando a Manuel Bandeira, em 1938, foi premiado pela Sociedade Filipe de Oliveira pelo conjunto de sua obra. Em 1940, publicou a primeira edição de suas *Poesias Completas*, ainda que custeada por ele mesmo. Neste mesmo ano, foi eleito para a Academia Brasileira de Letras. Desde a década de 1920, colaborava para a imprensa, por exemplo, em 1925, escreveu crítica musical para a revista *A ideia ilustrada*; entre 1929-1930, crônicas semanais para o *Diário Nacional* de São Paulo; em 1930, crítica de cinema para o *Diário da noite* (RJ); em 1930-1931, crônicas semanais para *A província*, do Recife; em 1941, crítica de artes plásticas para o jornal *A manhã* (RJ). Além disso, em 1938, tinha sido nomeado pelo Ministro Gustavo Capanema professor de literatura do Colégio Pedro II e membro do Conselho Consultivo do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em

1943, deixou o Colégio Pedro II e foi nomeado professor de Literaturas hispano-americanas da Faculdade Nacional de Filosofia. Além de suas obras poéticas, publicou *Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica* (1937), *Antologia dos poetas brasileiros da fase parnasiana* (1938), *Noções de história das literaturas* (1940), entre outros trabalhos, como *Panorama de la poesia brasileña* (1945), *Apresentação da poesia brasileira* e *Antologia dos poetas brasileiros bissex-tos contemporâneos* (1946) etc.

A listagem acima, embora extensa, não contém tudo o que Manuel Bandeira publicou em vida. Citamos apenas algumas publicações realizadas até o final da década de 1940, com o intuito de destacar que o poeta já tinha uma vasta contribuição para a literatura quando de sua efetiva aproximação com o primo João Cabral, que, até o final da mesma década, publicou *Pedra do sono* (1942), *Os três mal-amados* (1943), *O engenheiro* (1945), no Brasil, e *Psicologia da composição* (1947), em Barcelona.

Em 1945, João Cabral foi aprovado em concurso para a carreira diplomática e, em 1947, passou a morar em Barcelona, assumindo o posto de vice-cônsul. Sua mudança para a Espanha não encerrou a conversa entre ambos, mas passou a ser mantida por meio de cartas, muitas delas, atualmente, acessíveis no volume reunido por Flora Süssekind sob o título *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*, contendo 104 documentos anotados. Desses, 42 são correspondência de Cabral com Bandeira, cobrindo um intervalo de tempo que vai de 1942 (ano em que há apenas dois bilhetes de agradecimento de Bandeira a Cabral, pelo envio de *Pedra do sono*) até 1958 (ano com duas correspondências, também, sucintas). A maior troca de cartas ocorre entre 1947, logo que

Cabral se muda para Barcelona, e 1952, quando volta para o Brasil, removido do consulado de Londres por ter sido acusado de atividade subversiva ligada ao Partido Comunista.

No presente trabalho, lemos a correspondência de Manuel Bandeira e João Cabral, visando relacioná-la ao capítulo “Modernistas”, do livro *Apresentação da poesia brasileira*, no qual Bandeira, ainda que brevemente, tece considerações críticas sobre a poesia de João Cabral e a Geração de 45. Não há a pretensão de abordar o tema em profundidade, pois pretende-se tão somente observar aspectos da crítica de Manuel Bandeira e aspectos do reconhecimento da obra de João Cabral no interior “do grupo de pares-concorrentes”, recorrendo, a esse respeito, à observação de Bourdieu (2015, p. 108), ao destacar que, “afora os artistas e intelectuais, poucos agentes sociais dependem tanto, no que são e no que fazem, da imagem que têm de si próprio e da imagem que os outros e, em particular, os outros escritores e artistas, têm deles e do que eles fazem”.

No volume de correspondências organizado por Süsserkind, a primeira carta de João Cabral para Manuel Bandeira é de 4 de setembro de 1947. Nela, Cabral escreveu: “Agora, o mais importante. Estou com as negociações fechadas para a compra de todo o material necessário à impressão de pequenas *plaquettes* de luxo. [...] Pois bem: se importaria você de me ceder para publicação, aqueles ‘poemas onomásticos’ que há tempos vem organizando?” (MELO NETO apud SUSSEKIND, 2001, p. 32-3). O volume com os poemas de Bandeira foi publicado com o título *Mafuá domalungo*, sugerido por Bandeira na resposta que enviou a Cabral em 25 de outubro de 1947, na qual destacou que o editor poderia “pôr na primeira página a dedicatória: A João Cabral de Melo Neto”, co-

mentando no parágrafo seguinte a nova edição de suas *Completas* e duas outras publicações recentes: “Não me lembro se quando você saiu daqui já tinha aparecido a *Apresentação da poesia brasileira* e a *Antologia dos bissextos*” (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 40).

No livro de memórias *Itinerário de Pasárgada*, publicado pela primeira vez em 1954, Bandeira (1986, p. 84) destacou que o volume *Apresentação da poesia brasileira* foi escrito para o Fondo de Cultura do México e editado no Brasil em 1946, cinco anos antes da tradução espanhola, que só aconteceu em 1951. Para o autor, trata-se de “um estudo crítico da evolução da poesia no Brasil, seguido de breve florilégio ilustrativo daquela evolução” (BANDEIRA, 1986, p.84). Nas páginas finais do *Itinerário*, sobre a geração de 45, escreveu: “agora está aí roncando a chamada geração de 45: há nela uma meia dúzia de talentos que não me toleram nem como poeta nem como homem [...]”, acrescentando, porém, que tinha seus “fãs na Geração de 45”, nomeadamente, Thiago de Melo e Geir Campos, editores da Hipocampo, responsável pela primeira edição da obra *Opus 10* (1952). Bandeira ainda comenta que a geração e alguns livros novos de Cassiano Ricardo, Américo Facó, Dante Milano e Joaquim Cardoso vieram tornar sua “*Apresentação da poesia brasileira*, escrita antes de 1945, um livro truncado. Deus me dê tempo para atualizar aquelas páginas” (p. 101). Nesse mesmo ano de 1954, publicou a segunda edição de sua *Apresentação* aumentada, pela editora Casa do Estudante do Brasil, responsável também pela terceira edição, de 1957. A última edição publicada em vida do poeta foi realizada pela Editora Tecnoprint (Ediouro), em 1966. Em artigo no qual analisa a introdução crítica da edição publicada pela Cosac Naify, em

2009, Jean Pierre Chauvin (2018) escreveu que, o livro, ao ser publicado, “foi saudado como um guia seguro, referência obrigatória – inicialmente nas escolas; depois, nos cursos de Letras do país”, (MELLO E SOUZA, 2009, p. 77) justificável, tendo em vista que àquela altura o nome do escritor “era uma referência incontestável” (p;211).

Nas correspondências de Cabral e Bandeira deparamo-nos com nomes de outros escritores sugeridos ou convidados a publicarem pela prensa manual do poeta editor: Joaquim Cardoso, Calos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Vinícius de Moraes, Prudente de Moraes, Pedro Nava, Aníbal Machado... Nomes de prestígio, como o de Bandeira, por isso o poeta editor destacou na carta de 5 de novembro de 1947 que tinha “um escrúpulo que me faz hesitar em incluir meu livro nesta coleção: não será muito pretencioso colocar-me junto com você, Clarice Lispector (que me prometeu seus poemas) e outros?”. Cabral expressa-se com pudor em relação ao valor cultural de seu trabalho, pois, como informa:

Outro escrúpulo meu está na dedicatória que você me faz deste livro. Sei que você não dedica, nunca, seus livros (à exceção das *Crônicas*). Por isso, meu nome ali, sendo eu o impressor... Claro, não é um ato delicado recusar uma dedicatória e também não será de boa ‘economia política’ literária recusar uma dedicatória sua (MELO NETO apud SÜSSEKIND, 2001, p. 45).

O pudor do poeta, associado à expressão “boa economia política literária”, nos possibilita pensar no que escreveu Bourdieu (2015, p. 105) sobre o campo da produção erudita obedecer “à lei fundamental da concorrência pelo reconheci-

mento propriamente cultural concedido pelo grupo de pares que são, ao mesmo tempo, clientes privilegiados e concorrentes”. Nesse sentido, o sociólogo ainda acrescentou:

Os progressos do campo de produção erudita em direção à autonomia caracterizam-se pela tendência cada vez mais marcada da crítica (recrutada em grande parte no próprio corpo de produtores) de atribuir a si mesma a tarefa, não mais de produzir os instrumentos de apropriação que a obra exige de modo cada vez mais imperativo na medida em que se distancia do público, mas de fornecer uma interpretação ‘criativa’ para uso dos ‘criadores’. Destarte, constituem-se ‘sociedades de admiração mútua’, pequenas seitas fechadas em seu esoterismo e, ao mesmo tempo, surgem os signos de uma nova solidariedade entre o artista e o crítico (BOURDIEU, 2015, p. 106-7).

Em correspondência com data de 29 de fevereiro de 1948, Bandeira agradeceu o envio de *Psicologia da Composição*, destacando que estava “encantado, encantado. Com o poeta e com o impressor. Você sabe bem o que quer e realiza bem o que quer: *riguroso horizonte*. O Vinícius escreveu-me de Hollywood: ‘Acabei de receber o livrinho de João Cabral, que achei de primeira. Está de longe o melhor de todos esses novos’ (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 63). Em carta não datada, Cabral agradece as palavras de Bandeira: “Obrigado pelas suas palavras sobre o meu livro. E pelas do Vinícius, transcritas por você” (MELO NETO apud SÜSSEKIND, 2001, p. 68). O poeta reclama da recepção da obra: “Infelizmente muitos poucos parecem ter gostado do livro. Como, aliás, dos meus anteriores” (p. 68). Bandeira, em carta enviada no dia 27 de abril de 1948, encaminha uma crítica

de Sérgio Milliet sobre o livro de Cabral, tentando animá-lo: “Não há motivo para você calar-se, poeta. Depois desta *Psicologia da composição*. Seria uma traição a si próprio, aos seus amigos e admiradores, entre os quais – na primeira linha – coloque este seu muito, muito grato” (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 74-5).

Depois de receber seu livro impresso pelo selo *Livro Inconsútil*, Bandeira, em carta de 12 de julho de 1948, comenta que enviou um exemplar ao poeta mexicano Alfonso Reyes, de quem recebeu um livro de mesmo gênero. Sobre a recepção da obra, destacou:

O *Mafuá* está fazendo sucesso. O pessoal anda assanhado. Tenho recebido pedido, a que naturalmente não posso satisfazer. A tais pedintes, simples conhecidos ou amigos recentes, mando entrar na fila dos de pé... Apesar de eu recomendar que não façam publicidade, alguns amigos têm escrito. Mando-lhe um artigo do Carlos e duas notas, uma do Peregrino, outra do Jorge Lacerda. O Zé Lins também escreveu uma crônica no *Globo* (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 79).

Em 20 de julho de 1948, Cabral escreveu a Bandeira que ele também vinha recebendo pedidos semelhantes:

Isso que você me diz dos pedintes corresponde ao que tem se passado comigo. Pois agora, i.e. coincidindo com a distribuição do *Mafuá*, tenho recebido cartas de sujeitos que me agradecem a *Psicologia da composição* (um pouco tardiamente, portanto) e sugerem delicadamente que eu lhes mande um exemplar do seu livro. Fabuloso, não é? (MELO NETO apud SÜSSEKIND, 2001, p. 86).

Nas correspondências, a primeira menção indireta à Geração de 45 é observada em uma carta de Bandeira datada de 19 de março de 1949. Ao comentar ter recebido o livro *Acontecimento do soneto*, de Lêdo Ivo, também publicado pela prensa artesanal de João Cabral, reclama dos poetas envolvidos com a Revista *Orfeu*: “Por falar em Lêdo Ivo, andam aqui uns rapazes numa revistinha *Orfeu* querendo fazer revolução contra o que chamam ‘os gagás de 22’. Atacam sobretudo o Carlos. Este e o Zé Lins, que caiu na asneira de responder aos meninos, estão convencidos que por trás deles está o Lêdo” (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 100). O mesmo assunto é retomado em outra carta de Bandeira, sem data, quando informa a publicação do primeiro número do *Jornal de Letras* em meio à calmaria, “que os novíssimos tentam revolver, sobretudo na revistinha *Orfeu*, onde um grupinho de rapazes, atrás do qual dizem que está o Lêdo Ivo, se divertem em esculhambar a Geração de 22, especialmente o Carlos Drummond, que acho sintoma de burrice, presunção e outras coisas” (p. 108). João Cabral não se manifesta sobre esse assunto nas cartas seguintes, talvez porque, na mesma época, se correspondia com Lêdo Ivo. Em carta enviada ao autor de *Acontecimento do soneto*, com data de 17 de setembro de 1948, comentou: “O Marques Rebello me mandou uma série de revistas de novos, publicadas aí: *Orfeu*, *Quixote*, *Joaquim*, *Meia-Pataca*. Antes, me haviam mandado um número da *Revista Brasileira de Poesia*. Que onda todas elas fazem. E que confusões” (MELO NETO apud IVO, 2007, p. 31). Bandeira também trocou correspondências com Lêdo Ivo. No volume *E agora adeus* – correspondência para Lêdo Ivo, destacamos um bilhete enviado no dia 25 de abril de 1948 sobre a crô-

nica “O poeta da cidade”,³ publicada nessa mesma data por Lêdo Ivo no *Correio da Manhã*. Na crônica, comemorativa dos 62 anos de Bandeira, Lêdo Ivo destacou a presença da cidade carioca na poesia de Bandeira. No bilhete, Bandeira, dizendo-se admirado desse aspecto, fez a seguinte ressalva: “Onde você errou foi afirmando que sou o maior poeta brasileiro vivo. A verdade é que estou na fila... O ponteiro é o Carlos Drummond de Andrade, que só perde para mim na falta de ouvido para o verso regular [...]” (BANDEIRA Apud IVO, 2007, p. 90). Suas palavras não deixam de ser uma provocação, tendo em vista as reclamações que fez para Cabral sobre os poetas novos.

O I Congresso de Poesia de São Paulo ocorreu em 29 de abril de 1948. A repercussão do evento pode ser verificada na matéria “A batalha entre a Geração de 22 e a Geração de 45”, publicada no *Correio Paulistano* no dia 8 de maio de 1948, contendo a entrevista realizada com o poeta Domingos Carvalho da Silva, idealizador e principal organizador do evento. Perguntado sobre qual a nota dominante do Congresso, o poeta respondeu que “foi evidentemente a batalha de duas gerações”,⁴ citando-as, a de 1922 e a de 1945. As reclamações de Bandeira sobre os novos da Geração de 45 parece uma pequena batalha particular com a Geração de 45.

Quando Bandeira publicou a nova edição de sua poesia completa contendo *Belo Belo* (1948), enviou uma carta a Cabral datada de 26 de janeiro de 1948, informando que

3 *Correio da manhã* (RJ), 25 abr. 1948, p. 10. http://memoria.bn.br/DocReader/089842_05/41179

4 *Correio Paulistano*. 08 mai. 1948, s/p. http://memoria.bn.br/docreader/090972_09/37498

o volume não era completo porque já tinha escrito mais três “poeminhas”, encaminhados na carta: “O bicho”, “O Rio” e “Visita noturna”. João Cabral, em resposta enviada no 17 de fevereiro de 1948, escreveu que gostou sobretudo do poema “O bicho”: “Não sei quantos poetas são capazes de tirar poesia de um ‘fato’, como você faz” (MELO NETO apud SÜSSEKIND, 2001, p. 60). Em 03 dezembro de 1949, em outra carta, escreveu que estava trabalhando em um poema sobre o Capibaribe: “A coisa é lenta porque estou tentando cortar com ela muitas amarras com minha passada literatura gagá e torre-de-marfim. Penso botar como epígrafe aqueles teus versos: Capibaribe / – Capibaribe” (p. 114). Em 01 de abril de 1950, Bandeira escreveu que estava curioso para ler o poema sobre o Capibaribe, “tanto mais que você anuncia uma virada de pé com a cabeça na sua maneira de encarar a poesia” (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 118). Em 24 de agosto de 1950, em carta na qual comentava a elaboração de o *Itinerário de Pasárgada*, escreveu mais uma vez que estava curioso para ler o poema sobre o Capibaribe, nomeando-o de “Cão sem plumas”. Mais uma vez, tentou animar Cabral sobre a recepção de sua obra: “não é verdade que haja aqui o gosto de desancar o primo. Pelo contrário, ando sempre lendo referências amáveis a você, e o Sérgio Buarque de Holanda é seu admirador, segundo conversas que tenho tido com ele” (p. 121). Surpreendentemente, Bandeira pede a Cabral que escreva algo sobre a maneira como agora vê sua (de Bandeira) poesia: “Achei muito interessante o que a propósito de sua reviravolta você diz de minha poesia. Gostaria que a esse respeito você escrevesse qualquer coisa, precisando a maneira por que você a vê” (p. 121). Em 4 de agosto de 1950, Cabral justificou a falta de tempo para escrever sobre a poe-

sia de Bandeira, mas acrescentou que em Londres “ela faz um enorme sucesso”, também destacando que é “tão direta e cotidiana” (MELO NETO apud SÜSSEKIND, 2001, p. 124-5).

A apreciação crítica de *O cão sem plumas* por Bandeira será recebida por Cabral em carta datada de 1 de janeiro de 1951. Observando que, antes, o intelectualismo dos livros de Cabral eram “exercício que não excluía a categoria altamente poética”, destacou:

No *Cão sem plumas* você já se sentiu habilitado a fazer a técnica servir ao seu sentimento e não, como antes, pôr ao seu sentimento no aperfeiçoar a técnica. Neste poema, grande poema de verdade, só me produziu estranheza a concorrência de duas imagens tão dessemelhantes e até opostas em relação ao rio: cão sem plumas e espada cortante. Gostaria que você me explicasse isso (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 126).

Não há, no volume organizado por Sússekink, uma carta de Cabral respondendo ao pedido de esclarecimento acima. Em carta de 12 de agosto de 1951, Bandeira comentou que enviava retalhos de jornal sobre entrevistas que estavam sendo realizadas por Carlos Castelo Branco para o *Diário Carioca*. Comentou também que Euríalo Canabrava e Sérgio Buarque de Holanda estava discutindo poesia e o Prudente de Moraes mandou fazer uma enquete junto aos poetas, o que começou com o missivista. A esse respeito, informou: “Como o entrevistador saísse do tema e falasse de outros assuntos, vou eu e disse meia dúzia de lérias que arranharam grandemente a Geração de 45. Primeiro foi o Lêdo Ivo, depois veio esse Darcy Damasceno, que me parece despeitadíssimo porque eu nunca falei nele e falei de outros” (p. 135). A entrevista

foi comentada em uma matéria intitulada “Declara Bandeira que já não consegue entender muitos ‘desses novos poetas’”, publicada no *Diário Carioca* em 08 de julho de 1951. Há no próprio título um tom de provocação, realçado no emprego do dêitico e das aspas. A matéria tratava da polêmica entre Sérgio Buarque de Holanda e Euríalo Canabrava sobre poesia. Perguntado sobre a inclinação à especulação crítica e ao formalismo da nova geração, Bandeira destacou que o geometrista tem um mestre da nova geração, João Cabral de Melo Neto, mas que, no modernismo, outros poetas, como Carlos Drummond de Andrade, usaram esse processo. Ponderou que Cabral o cultivou sistematicamente no livro *O engenheiro*. Sobre os versos da obra *Ode equatorial*, de Lêdo Ivo, destacou: “– Isso é puro 22”. O autor da matéria, Carlos Castelo Branco, comenta que Bandeira pegou uma carta há pouco recebida de Cabral e leu a seguinte passagem: ‘Se me perguntassem qual o meu ideal atual eu diria: escrever a poesia correspondente aos romances do nordeste posterior a 1930’. João Cabral foi elogiosamente citado algumas vezes por Bandeira e, mais uma vez, no final: “Sinto, entretanto, uma sensibilidade nova e marcada por uma expressão nova, num João Cabral, por exemplo”.⁵

No dia 15 de julho de 1951, o *Diário carioca* publicou a matéria “Declara Lêdo Ivo: os novos existem porque existem”, comentando a entrevista de Lêdo Ivo a respeito da controvérsia entre Sérgio Buarque de Holanda e Euríalo Canabrava, mas, o primeiro assunto tratando foi a entrevista de Manuel Bandeira. Lêdo Ivo propôs que Bandeira associou

5 *Diário Carioca*. 8 jul. 1951, p. 2. http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/8597

Ode equatorial ao modernismo “por ter como assunto a descoberta da terra natal, que é uma constante do modernismo. Essa investida no território nativo não encontra apoio na atividade dos meus companheiros de geração que sofrem de um contagioso mal de despaisamento, e são poetas gregos, hindus, escoceses, espanhóis, lusitanos e persas. Meu trabalho poético é diferente”.⁶

A entrevista de Bandeira foi retomada em um texto longo, intitulado “Modernismo e Geração de 45”, publicado por Péricles Eugênio da Silva Ramos no *Correio Paulistano* no dia 19 de agosto de 1951, em que se observa uma explanação detalhada da importância de João Cabral para a Geração de 45, sem que o autor concorde plenamente com Bandeira a respeito de os novos poetas descenderem de João de Cabral. A matéria é um, entre muitos outros exemplos, do quanto o nome de João Cabral era citado nos jornais na passagem dos anos 1940 para os anos 1950.

Em carta de 25 de novembro de 1951, Bandeira voltou a reclamar da Geração de 45: “E já que estamos falando em versos, saiba que a Geração de 45 continua ávida de afirmar-se, e da parte de alguns mais impacientes de glória com muita má vontade para com os velhos de 22 e até para com os maduros de 30” (p. 140). Considerava que os poetas menos citados, por despeito, disputavam “a primeira colocação à força de golpes baixos, por exemplo, xingando de puxa-saco aos que nos querem bem”. Realçava que a situação de João Cabral, longe, completamente fora da *mêlée*, deixava-os doentes, “e no entanto o seu nome não sai das sessões

6 *Diário Carioca*. 15 jun. 1951. p. 10 http://memoria.bn.br/docreader/093092_04/8713

literárias dos jornais e é opinião geral que você foi o abridor do caminho. Ao passo que eles para serem falados têm que dar entrevistas solicitadas, fundar revistas, etc.” (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 140). Foi nesta mesma carta que Bandeira escreveu a Cabral que não compreendia a corrente abstracionista nas artes plásticas no Brasil. Não a rejeitava, mas achava um absurdo o desdém que ela mostrava pelo que agora chamavam de ‘conteudismo’. Este tema envolvendo as artes plásticas na correspondência dos dois poetas é assunto que demanda outro debate que não cabe no presente trabalho. Em outra carta, com data de três dias depois, ou seja, em 28 de novembro de 1951, Bandeira informava que remeteu uma carta para Barcelona contendo comentários sobre *O cão sem plumas* e um recorte do *Diário carioca* “com uma apreciação do Sérgio Buarque de Holanda”. Realçava que tinha gostado muitíssimo do *Cão* e que “o gosto era geral” (p. 143). Outro comentário interessante envolvia a editora Hipocampo, para Bandeira, um fruto do trabalho de edição de Cabral em Barcelona:

O seu belo exemplo de Barcelona (as edições) está frutificando: dois novos de grande talento, o Geir Campos e o Thiago de Mello, fundaram uma editora chamada Hipocampo e compõem eles mesmo em Niterói livros inconsúteis em bom papel e de tiragem limitada, vendida por subscrição. O primeiro, um longo poema, *A mesa*, do Carlos Drummond, ficou bonitinho, parece edição João Cabral de Melo Neto (BANDEIRA apud SÜSSEKIND, 2001, p. 143).

A única carta do volume organizado por Sússekink em que Cabral se manifesta sobre a Geração de 45 foi enviada

com data de 11 de dezembro de 1951. Em resposta à observação de Bandeira sobre a voga abstracionista, Cabral perguntou ao amigo por que não tomava a frente de um movimento contra a arte abstrata, imprópria para um país pobre como o Brasil: “Por que você não toma a frente de um movimento contra essa arte abstrata? [...] Mas você com sua autoridade podia muito bem tomar a frente de um movimento de denúncia do abstracionismo em pintura, de seu equivalente atonismo da música e do neoparnasianismo-esteticismo da Geração de 45”. Discorrendo sobre a impropriedade do abstracionismo, ainda acrescenta:

Se eu tivesse algum prestígio escreveria alguma coisa sobre tudo isso. Mas a um autor já firmado é que deve caber a iniciativa. E além de tudo há o trabalho aqui no consulado e há a distância do Brasil para atrapalhar. Pensei em tratar desses assuntos num prefácio a uma edição de meus livrinhos de poesia já publicados que, por iniciativa do Lêdo Ivo, vão ser reeditados num só volume por Orfeu. Mas desisti de prefácios. Podia parecer vontade de atrair a atenção sobre mim mesmo pela discussão e, com o Atlântico no meio, é impossível manter discussão. Por isso saem os livros sem mais explicações (MELO NETO apud SÜSSEKIND, 2001, p. 146).

Cabral informava que a editora Orfeu publicaria uma reunião de sua poesia por iniciativa de Lêdo Ivo e que se sentia desestimulado de posiciona-se, como sugeriu a Bandeira, por meio de um prefácio.

Em uma carta enviada a Lêdo Ivo em 1951, Cabral escreveu algo sobre os poetas da Geração de 45, ao elogiar *Ode equatorial* e criticar os poetas novos recém-publicados na antologizada *Panorama da poesia brasileira* (1951), de Fer-

nando Ferreira de Loanda: “Seria bom se os poetas daquela antologia do Fernando Ferreira de Loanda seguissem o exemplo da Ode [...] Fazem uma poesia subjetiva com um vocabulário liso, transparente: o resultado, pelo menos para minha sensibilidade, é que o poema não chega a ser. Fazem uma poesia que não faz sombra, como uma placa de vidro debaixo do sol” (MELO NETO apud IVO, 2007, p. 62).

Quando voltou ao Brasil para responder a inquérito, conforme destacou Joelma Siqueira, no artigo “João Cabral na imprensa brasileira nos anos 1950”, Cabral

parece fazer o que sugeriu a Manuel Bandeira. Esse período foi de intensa atividade crítica e literária. Pronunciou a conferência ‘Poesia e composição’ na Biblioteca de São Paulo, em 1952; publicou quatro artigos sobre ‘A geração de 45’, no *Diário Carioca*, também em 1952; publicou o artigo ‘Esboço de panorama’ na revista *Flan*, e *O rio*, em 1953; participou do Congresso Internacional de Escritores, com a tese ‘Como a Europa vê a América’, e do Congresso de Poesia de São Paulo, com a tese ‘Da função moderna da poesia’, em 1954; publicou o volume *Duaságuas*, em 1956. É recorrente em seus textos críticos a defesa de uma literatura que trate de temas de interesse social e comunique-se com o público leitor (SIQUIERA, 2018, p. 417).

A terceira edição de *Apresentação da poesia brasileira*, publicada em 1957, foi saudada em alguns jornais, a exemplo do que se observa na edição de 9 de fevereiro de 1958 de *O Jornal* (RJ), contendo breve comentário sobre sua ampliação:

Acaba de aparecer a terceira edição da obra de Manuel Bandeira. ‘Apresentação da poesia brasileira’ (Ed. Casa do Estudante do Brasil).

Trata-se, como se sabe, de uma pequena história da lírica brasileira, escrita em termos de síntese, mas na qual são assinalados os fatos marcantes e os fenômenos principais, com a indicação precisa de autores, obras, datas e correntes. O autor, grande poeta, conhecedor da matéria como poucos entre nós, procurou realizar uma obra destinada ao leigo, dando-lhe por isso um cunho didático, de vivo interesse informativo.

A terceira edição não é apenas uma nova tiragem do livro: Manuel Bandeira deu maior extensão ao texto, a fim de incluir mais algumas notas sobre o concretismo e os poetas da nova geração.

O volume contém na parte final uma antologia da poesia brasileira.⁷

Quando Bandeira publicou a primeira edição do volume, em 1946, o debate sobre a Geração de 45 ainda não existia, pois o aparecimento da nova geração está associado à publicação do artigo “O neo-modernismo”, de Tristão de Athayde, na Revista *A Época*, em julho de 1947; à criação da *Revista Brasileira de Poesia* e da *Revista Orfeu*, no mesmo ano de 1947; à realização do I Congresso Paulista de Poesia, realizado em abril de 1948, com a consequente criação do Clube de Poesia de São Paulo. Como escreveu Vagner Camilo (2020, p. 125), a organização interna da referida geração não se baseia, necessariamente, na participação formal de seus integrantes,

7 *O Jornal* (RJ), 09 fev. 1959.p. 2. http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/59748

“mas se articula em torno de uma manifestação pública coletiva, como é o caso dos veículos de expressão... do grupo”. Camilo cita as duas revistas referidas anteriormente, além de outros periódicos regionais e suplementos de jornais dirigidos por poetas da geração, como “Pensamento e Arte”, do *Correio Paulistano*, e acrescenta: “a Geração de 45 chegou a atuar editorialmente, patrocinando a publicação de livros de poetas filiados a ela, como a coleção *Cadernos do Clube de poesia* [...]”. Nesse sentido, vale lembrar que, como observou Alfredo Bosi (1994, p. 465) no subcapítulo “Poesia e programa: a ‘geração de 45’”, da *História concisa da literatura brasileira*, a editora Orfeu tomou o nome da revista que congregou a maior parte dos poetas da geração.

João Cabral teve o volume *Poemas reunidos* publicado pela Edição Orfeu, dirigida por Fernando Ferreira de Loanda, em 1954. A iniciativa da publicação foi do editor, mas mediada por Lêdo Ivo. O livro veio a lume depois de longa espera. Ivan Marques (2021, p. 250), em biografia do poeta recentemente publicada, destacou que “o volume apareceu nas livrarias, apresentando nas orelhas fragmentos de textos de Gilberto Freyre, Antonio Candido, Álvaro Lins e Sérgio Buarque de Holanda, entre outros críticos do Brasil e de Portugal”. Informou também que “na ocasião, Rubem Braga publicou na Revista *Manchete* o mais completo perfil de João Cabral até então escrito”. E que, “alguns meses depois, o livro recebeu o prêmio da Academia Brasileira de Letras. A tarefa de anunciá-lo coube a Manuel Bandeira, então secretário-geral da entidade, que também fizera parte da comissão julgadora”.

O ensaio crítico introdutório do volume *Apresentação da poesia brasileira* está dividido em cinco capítulos: “Gon-

gorizantes e Arcades”, “Românticos”, “Parnasianos”, “Simbolistas” e “Modernistas”. Bandeira (1966, p. 122), introduz este último capítulo com as seguintes palavras: “Depois do simbolismo nenhum outro movimento ocorreu em nossa poesia até cerca de 1920, quando se inicia em São Paulo, e logo em seguida no Rio, a influência das escolas europeias de vanguarda, gerando entre nós um movimento que se tornou conhecido sob o nome de modernismo”. A maior parte do capítulo, como indica o título, é dedicado ao Modernismo, com maior ênfase atribuída à Semana de Arte moderna e ao poeta Mário de Andrade. A passagem que aborda a Geração de 45 é bastante concisa, compreensível se observarmos que o livro foi publicado pela primeira vez em 1946, antes do aparecimento da geração. Em 1957, quando saiu uma nova edição ampliada, acontecia o aparecimento da poesia concreta, associada à I Exposição de Arte Concreta, ocorrida em dezembro de 1956 no Museu de Arte Moderna de São Paulo. De forma concisa, as últimas palavras do capítulo são dedicadas ao concretismo, neo-concretismo, poesia-práxis e aos poetas bissextos.

É preciso pensar que o processo de consagração do modernismo brasileiro estava começando. Para Ana Paula Calvalcanti Simioni (2013), a origem desse processo tem relação com a publicação do ensaio “Literatura e cultura: de 1900 a 1945”, de Antonio Candido, publicado em livro pela primeira vez em 1965, mas redigido em 1950. Não é difícil observar aproximações em algumas passagens do ensaio de Candido e do capítulo “Modernistas” de Bandeira, para quem,

Os modernistas introduziram em nossa poesia o verso-livre, procuraram exprimir-se numa linguagem des-

pojada da eloquência parnasiana e do vago simbolista, menos adstrita ao vocabulário e à sintaxe portuguesa. Ousaram alargar o campo poético, estendendo-o aos aspectos mais prosaicos da vida, como já o tinha feito ao tempo do romantismo Álvares de Azevedo. Movimento a princípio mais destrutivo e bem caracterizado pelas novidades de forma, assumiu mais tarde cor acentuadamente nacional, buscando interpretar artisticamente o presente e o passado brasileiro, sem esquecer o elemento negro entrando em nossa formação (BANDEIRA, 1966, p. 126).

Sobre a poesia dos poetas posteriores, Bandeira escreveu:

De um modo geral, são de expressão pouco acessível, sobretudo pelo insólito de suas imagens, e denotam preferência pelo verso-livre curto. Todas essas características podem aliás ser encontradas em poetas anteriores, mas a chamada Geração de 45 como que as sistematizou. A maioria deles está ainda em formação. Cabral de Melo, por exemplo, em seus últimos livros – *Cão sem plumas*, *O Rio* e *Terceira Feira* – adotou um realismo socialmente interessado, poesia com mensagem de linguagem direta e não mais, como dantes. Péricles Eugênio e Bueno de Rivera já se apresentam mais amadurecidos, e têm idade para isso (BANDEIRA, 1966, p. 157).

As três obras de Cabral citadas por Bandeira, *O cão sem plumas*, *O rio* e *Terceira Feira*, foram publicadas, respectivamente, em 1950, 1953 e 1961. Como destacamos anteriormente, a última edição da *Apresentação da poesia brasileira* publicada em vida pelo autor aconteceu em 1966. Bandeira, em correspondência enviada a Cabral em 1951, sobre *O cão*

sem plumas, manifestou sua estranheza em relação à “concorrência de duas imagens tão dessemelhantes e até opostas em relação ao rio: cão sem plumas e espada cortante”. Cabral, em entrevista concedida a Vinícius de Moraes e publicada na Revista *Manchete* em 27 de junho de 1953, declarou:

O cão sem plumas é o rio Capibaribe visto de fora. A existência do assunto é clara. Evidentemente a linguagem ainda é cifrada. A verdade é que naquela época eu não me tinha libertado ainda do preconceito de que poesia é transplantação metafórica da realidade. Grandes trechos de *O cão sem plumas* são construídos com metáforas. Em *O rio* tentei usar uma linguagem mais direta. Creio que é um livro ao alcance da grande maioria. Quer dizer: verifique que a metáfora é apenas um dos caminhos da poesia (MELO NETO apud ATHAYDE, 1998, p. 59).

A obra foi discutida pelo poeta Domingos Carvalho da Silva em artigo publicado em 04 de março de 1951 no *Correio Paulistano*. O poeta de 45 também fez ressalvas à escolha vocabular de Cabral e concluiu que

‘O cão sem plumas’, com todas as suas inegáveis virtudes poéticas, que se impõem sobranceiras acima das objeções aqui formuladas a detalhes da obra, está inteiramente além do nível de acessibilidade emocional do leitor comum.

Aliás, a edição limitadíssima nega ‘in limine’ o objetivo social e político que poderia ser atribuído ao livro. Não havia sequer motivo para que eu entrasse no assunto.⁸

8 *Correio Paulistano*. 04. mar, 1951. p. 6. http://memoria.bn.br/docreader/090972_10/5310

Sem entramos no mérito da crítica à linguagem poética, importa observar que, em suas considerações finais, Domingos Carvalho da Silva aponta para a figura do poeta editor, responsável pela edição da própria obra (*O cão sem plumas* foi uma das últimas obras impressas pelo Selo Inconsútil de Cabral), distribuída para um seletivo grupo de pares concorrentes, quando o poeta se dispunha a realizar uma poesia social.

A obra *Terceira feira* trazia os três últimos livros de João Cabral, *Quaderna*, publicado em Lisboa, em 1960, *Dois paramentos*, em Madri, em 1961, e *Serial*, inédito”. Detendo-se no lançamento na obra, Ivan Marques escreveu:

Em *Terceira feira*, ao lado da intensa percepção visual e sensorial, o que também chamou a atenção foi o Construtivismo. Esboçado em *Quaderna*, o processo de composição em série, que levou Haroldo de Campos a se lembrar da música dodecafônica e da pintura construtiva, se radicalizou em *Serial*. Não por acaso, um dos títulos aventados para o volume, segundo o bilhete do autor ao editor, fora, *Poesia parida em quatro* (MARQUES, 2021, p. 322-3).

Serial foi dedicado a José Lins do Rego. É frequente na recepção crítica desta obra a opinião de que João Cabral conseguiu conciliar o rigor formal e a comunicação. A esse respeito, Luiz Costa Lima (1995) destacou que *Serial* apresenta o alcance de uma expressão que consegue, dentro de suas peças isoladas, o rigor e a comunicabilidade. Reportando à noção de “duas águas” na poesia cabralina, aspecto proposto pelo próprio Cabral quando da publicação do volume *Duas águas* (1956), que reuniu livros anteriores e os inéditos *Morte e vida Severina*, *Paisagens com figuras* e *Uma faca*

só lâmina, Haroldo de Campos (2004, p. 87) destacou que, em *Serial*, “a linha de fusão das *duas águas* é desenvolvida através do princípio da composição em série (ocorrente em outros domínios artísticos, como o da música dodecafônica e o da pintura construtiva”). Atento aos aspectos construtivos do trabalho em série, considerou que este não chega a se confundir com o de um produto industrial, posto que “sua série é ainda artesanal, no sentido de objetos feitos à mão, que nunca os faz todos iguais, mas os labora e elabora, tirando variantes minuciosas e sutis sob a aparente similitude de fatura”.

A breve apreciação crítica de Bandeira à poesia de Cabral não resultou de uma leitura crítica das obras citadas. Bandeira concordou com Cabral sobre ter realizado uma mudança de rumo em sua poesia no início dos anos 1950. Chegando ao final do presente trabalho, senão devemos propor, ingenuamente, que a simples aproximação com Bandeira influenciou a distinção de Cabral em relação aos poetas da Geração de 45, podemos observar que a amizade entre ambos se insere na dialética da distinção do campo literário brasileiro. A poesia cabralina recebeu reconhecimento culturalmente pertinente por parte de seus pares. Bandeira foi um par importante nesse processo.

Referências

- ATHAYDE, Félix de. *Idéias fixas de João Cabral de Melo Neto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; FBN; Mongi das Cruzes, SP, Universidade de Mongi das Cruzes, 1998.
- BANDEIRA, Manuel. *Apresentação da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.
- BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 8 ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMILO, Vagner. *A modernidade entre tapumes – da poesia social à inflexão neoclássica na lírica brasileira moderna*. Cotia: Ateliê Editorial, 2020.
- CANDIDO, Antonio. “Literatura e cultura de 1900 a 1945”. In: _____. *Literatura e sociedade*. 9 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CHAUVIN, Jean Pierre. O crítico Manuel Bandeira. *Opiniões - Revista Dos Alunos De Literatura Brasileira*, (12), 2018, p. 210-222.
- IVO, Lêdo. *A agora adeus: correspondência para Lêdo Ivo*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2007.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira e antilira*– Mário, Drummond, Cabral. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- MARQUES, Ivan. *João Cabral de Melo Neto: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2021.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- SIMIONI, Ana Paula. “Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação”. *Perspective*, n.2, 2013. Disponível em <https://journals.openedition.org/perspective/5539> Último acesso em 6 jun. 2022.
- SIQUEIRA, Joelma Santana. “João Cabral de Melo Neto na imprensa brasileira nos anos 1950”. *TextoPoético*, v. 14 n. 25, 2018, p. 410–429. Disponível em <https://textopoetico.emnuvens.com.br/rtp/article/view/532> Último acesso em 11 jun. 2022.
- SÜSSEKIND, Flora. *Correspondência de Cabral com Bandeira e Drummond*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

